



COMUNICAÇÕES

A ESCRITA QUE SE INVENTA

Luiz Augusto P. Souza (Tuto)

1

Há algum tempo atrás dei um curso de extensão, aqui mesmo na PUC-SP, sobre aprendizagem e usos da leitura e escrita. Nele tratei questões relativas a fatores que interferem no processo de aquisição e efetuação do ler e escrever.

Junto com meus alunos discuti as maneiras pelas quais, usualmente, a leitura e a escrita são ensinadas, evidenciando o fato de que, geralmente, são os aspectos convencionais que aí predominam: ler e escrever como registro, meio de comunicação, fonte de informação, etc.; e, em decorrência disto, a primazia ou, muitas vezes, a exclusividade da transmissão dos procedimentos formais como meio para a aprendizagem.

Em relação à escrita, sem desconsiderar a importância de seus aspectos normativos, procurei refletir sobre outros vetores de sentido que nela estão presentes e que, a meu ver, ultrapassam o plano formal/utilitário, onde esta é tida como instrumento de codificação e veiculação de idéias e mensagens que a precedem, lançando-a num outro plano, isto é, permitindo que a escrita pudesse ser pensada como meio de interpretação da experiência, elaborando e dando língua (tanto quanto possível) às percepções inéditas que possamos querer traduzir escrevendo.

Pretendia, com isto, indicar no curso que a escrita não se presta apenas a um exercício linear, às vezes repetitivo, de registrar, reproduzir e expressar opiniões, conceitos ou informações pré-existentes. Ao contrário, que ela pode também ser um veículo criador de sentido, engendrador de novas maneiras de entender e sentir as experiências.

Esta escrita, que busca entrar em sintonia com o intenso das experiências, tem na literatura sua forma mais plena, ainda que não única, de expressão. Porém, como esta dimensão da escrita está frequentemente ausente do ensino, é comum, nos vários níveis de uso da escrita, uma linguagem mecânica, esvaziada da experiência e dos sentidos sobre o que se escreve.

Aprendemos, na maior parte dos casos, a abrir mão da escrita como meio de elaborarmos nosso entendimento, em nome de uma padronização formal que vai além da norma escrita, isto é, uma padronização que opera a separação do convencional em relação à liberdade de criar pela escrita, privilegiando largamente o primeiro componente.

A partir desta reflexão, pedi aos meus alunos que escrevessem sobre seus processos de aprendizagem, para que pudéssemos pensá-los, problematizando a escrita de dentro para, talvez, explorar melhor suas possibilidades. Eu mesmo escrevi um pequeno texto sobre isso.

Dia desses, remexendo alguns papéis, dei de cara com esse texto; li-o e, sem maiores pretensões pois trata-se de um escrito bem pessoal, achei que poderia ser interessante compartilhá-lo com mais pessoas, isto porque o depoimento expresso ali pode entrar em ressonância com inquietações e questões daqueles que, de alguma forma, se ocupam em pensar a escrita, seja no trabalho clínico, seja junto a instituições de ensino. Então, passo a apresentá-lo.

2

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.

Clarice Lispector

Quando aprendi a ler e escrever não poderia suspeitar dos sentidos que a escrita assumiria, pouco a pouco, na minha vida: na influência no meu modo de pensar, agir, contar histórias, dar e receber mensagens, de trabalhar, de imprimir e exprimir alegria e tristeza... Mas, sobretudo não poderia supor a escrita como esse recurso potente de elaboração do meu entendimento, do meu pensamento sobre as coisas do mundo.

Especialmente, não podia imaginar a dimensão da escrita nos momentos mais agudos, nas experiências mais intensas. Nestas circunstâncias, de pura intensidade, sou quase sempre tentado a um escrito. Este ato patrocina um encontro com o que singularizo na experiência com o outro, articulando os pulsos do entendimento, inventando sentidos para dar conta das novas situações e percepções experimentadas.

Assim, tomo a caneta ou o teclado do computador buscando arquitetar respostas às minhas inquietações (intelectuais e afectivas). As instabilidades transpiram no papel e fazem tremer o que supus perene: conceitos, valores, pressupostos... São momentos de recriação, de remanejamento, de resignificação do pensamento e das convicções.

Nesta escrita, “pontuo” o que escrevo sem muita atenção aos pontos, vírgulas, grafias... Isto é para depois, para posteriormente precisar formalmente a minha palavra. Primeiro pontuo minhas próprias marcas, sem me preocupar com convenções; sem medos ortográficos ou nexos lineares.

O que quero nestes momentos é fazer sentido pela escrita, fazer dela uma liberdade: soltar desejos, inventar forma de dizer, exercitar o pensamento... Mesmo quando ali mesmo encerre tudo isso.

Neste sentido, busco plasmar o presente com o permanente “vir a ser” que as sensações e percepções desenrolam e que a escrita, em mim, anima. Vou esclarecendo o que sinto, o que penso, como quem fica feliz por entender seus próprios e provisórios contornos.

Nunca poderia ter imaginado este artifício recebendo e me devolvendo estas substâncias, nem lembro bem como o aprendi, nem se o considerei importante; só recordo que tinha que fazer “lição de casa” decorando a grafia das palavras, os tempos verbais, etc, etc. Com o tempo fui

reeducando a minha escrita e hoje continuo a aprendê-la como se ela sempre estivesse estado em mim e esta fosse sua finalidade e parte constitutiva do que vou sendo.

Quando consigo escrever desta maneira (poderia também falar, cantar, etc. A escrita, ainda que específica, é um dos meios disponíveis), desenho uma memória que se abre para os sentidos inéditos que já estão potencialmente presentes pedindo língua e elaboração. Mais tarde, quando leio o que escrevi, vou percebendo-me em cada palavra, em cada enunciado com que compus o texto.

Nem sempre escrevo assim, muitas vezes me pego, especialmente no cotidiano do trabalho, repetindo esquemas ou reproduzindo clichês mecanicamente. Pois é, acho que é assim mesmo, depende dos nossos estados de espírito e tipos de demanda no dia-a-dia. Porém, é bom poder dispor da escrita desde esse outro lugar (intensivo), é bom poder não ficar enclausurado no padrão utilitário/convencional e buscar “até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador”, quando é isso que faz diferença.